

A Representação Social do Deficiente na Mídia¹

Marcio Sakyo Poffo TANIGUTI²

Maura Oliveira MARTINS³

UniBrasil Centro Universitário, PR

RESUMO

Este trabalho visa entender de que forma o deficiente físico é representado na mídia local. O tema justifica-se pela crescente inserção social deste grupo. O trabalho aborda a terminologia da deficiência, mostrando o estigma do deficiente no jornalismo, além do conceito de estigma e da teoria das representações sociais. Estas discussões são importantes, uma vez que o deficiente pertence a um grupo considerado “minorias”, que se diferencia na sociedade. Foram selecionadas 17 reportagens durante o período de janeiro de 2014 a janeiro de 2015, publicadas pelo site do jornal Gazeta do Povo. Estas matérias foram observadas, por meio de uma análise de conteúdo, de forma que fossem extraídos do texto todos os adjetivos encontrados. Constatou-se que as matérias analisadas quatro fazem referência aos deficientes com adjetivos negativos como “vítima”, “cabisbaixo”, “limitado” e “coitadinhos”.

PALAVRAS-CHAVE: deficiente; gazeta do povo; análise de conteúdo.

1. Introdução

A deficiência, como alteração na capacidade física ou intelectual do indivíduo, sempre esteve presente nas diversas espécies animais e vegetais. Com os avanços nas áreas de tecnologia e medicina, a sociedade passou a encarar a questão da deficiência de maneira diversa. Nas análises de resultados feitas pelo Censo Demográfico de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), definiram a deficiência como a incapacidade ou limitação das funções e estruturas do corpo, de forma que fatores externos também são levados em conta:

O conceito de deficiência vem se modificando para acompanhar as inovações na área da saúde e a forma com que a sociedade se relaciona com a parcela da população que apresenta algum tipo de deficiência. (IBGE, 2010, p. 71).

Na Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, realizada em 2007, foi decidido que o termo apropriado para denominar aquele que

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Graduado em Jornalismo do UniBrasil Centro Universitário, em Curitiba. E-mail: marciotkr@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Mestre em Ciências da Comunicação. Professora pesquisadora do curso de Jornalismo do UniBrasil Centro Universitário, em Curitiba. E-mail: mauramartins@gmail.com.

apresentasse tais alterações, seria “pessoa com deficiência”, com isso os outros termos foram abandonados. O termo foi modificado para que as barreiras entre uma pessoa com deficiência e uma sem fossem diminuídas, pois a associação de uma terminologia a um determinado grupo reflete diretamente na forma de tratamento que o grupo receberá dos demais.

Segundo o Censo Demográfico de 2010, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), computou dados da população brasileira que apontaram 45.606.048 casos de pessoas declarando ter pelo menos uma das deficiências investigadas: visuais, auditivas, motoras, mental ou intelectual.

As deficiências se dividem em três grupos, sendo eles denominados físico-motoras, sensoriais (que engloba a deficiência auditiva e a deficiência visual) e mentais, apresentando suas peculiaridades quanto aos critérios de funcionalidade e capacidade.

A deficiência físico-motora é a alteração parcial ou total de um ou mais segmentos do corpo humano, de forma que ocasiona o comprometimento da função física. Dentre os exemplos de deficiência física-motora é possível citar a paraplegia, tetraplegia, amputação ou ausência de membro, paralisia cerebral, dentre outras alterações que possam produzir dificuldades para o desempenho de determinadas funções.

Já deficiência auditiva se traduz na perda parcial ou completa, congênita ou adquirida, da audição sonora, em conformidade com um nível de decibéis.

Por sua vez, a deficiência visual corresponde à perda de uma porcentagem do campo visual, chamada de baixa visão, até a completa ausência de visão, chamada de cegueira.

A deficiência mental, grosso modo, pode ser definida como o desenvolvimento mental insuficiente, que devido ao seu desempenho, ocasiona necessidades especiais aos que a demonstram.

Com o passar dos anos pode-se ver o crescimento da mídia e da tecnologia a favor da pessoa com deficiência, grande notabilidade em áreas de trabalho e diminuição do preconceito de pessoas sem deficiência. Em 2015 haverá um aumento de 20% no mercado de produtos especializado em pessoas com deficiência. Isso mostra como o mercado vem se preocupando cada vez mais com a acessibilidade da pessoa com deficiência.

Uma das formas para entender de que forma o deficiente é representado na sociedade é observar sua representação na mídia. Por isso, este trabalho observa, por meio de uma análise de conteúdo, reportagens que tratem do tema durante o período de janeiro de 2014 a janeiro de 2015, publicadas pelo site do jornal Gazeta do Povo. A reflexão, utilizada

como base teórica, aborda questões referentes ao estigma e as representações sociais na mídia.

2. Estigma do deficiente: o deficiente no jornalismo

Como visto anteriormente, a definição da deficiência não é algo de tão fácil compreensão. A partir do ponto de vista médico ou da funcionalidade, conforme critérios utilizados pela Organização Mundial de Saúde são unânimes que aqueles que apresentam algum tipo de deficiência só recebem tal denominação por apresentar algum padrão, seja físico ou mental, que o difere do restante da população por si considerada normal.

O ser humano, ao longo de sua história, sempre manteve uma relação de antipatia para aquele que diferenciava de si, seja em relação às diferenças étnicas, culturais, sociais ou mesmo biológicas:

Os gregos, que tinham bastante conhecimento de recursos visuais, criaram o termo estigma para se referirem a sinais corporais com os quais procuravam evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava. Os sinais eram feitos com cortes ou fogo no corpo e avisaram que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que devia ser evitada; especialmente em lugares públicos. Mais tarde, na Era Cristã, dois níveis de metáfora foram acrescentados ao termo: o primeiro deles referia-se a sinais corporais de graça divina que tomavam a forma de flores em erupção sobre a pele; o segundo, uma alusão médica a essa alusão religiosa, referia-se a sinais corporais de distúrbio físico (Goffman, 1988, p 5).

Tal noção abordada por Goffman (id) tomou proporções semelhantes no período pós-medieval. As marcas denominadas estigmas passaram a classificar as pessoas em detrimento de suas características negativas, deixando de lado o sentido de evidência pessoal.

Como a sociedade possui uma grande necessidade de categorizar tudo o que faz parte do cotidiano, com os indivíduos não poderia ser diferente. Assim, aqueles que seguiam o padrão imposto pela coletividade, e por consequência, apresentavam todas as características inerentes a tal, eram tidos como normais, enquanto os que por sua constituição biológica ou simples opção de convívio eram tidos como anormais. Neste sentido:

Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com “outras pessoas” previstas sem atenção ou reflexão particular. Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua “identidade social” – para usar um termo melhor do que “status social”, já que nele se incluem atributos como “honestidade”, da mesma forma que atributos estruturais como “ocupação” Baseando-nos nessas pré-concepções, nós as transformamos em expectativas normativas, em exigências apresentadas de modo rigoroso (ibid p. 5).

A sociedade aplica o estigma a todo tipo de gente, e por se tratar de pessoas diferentes, o estigma serviu em muitos momentos para depreciar as características das pessoas, e legitimar as características do grupo tido como dominante e “normal”.

Atualmente, o estigma carregado pelos deficientes é marcado pelo sentimento de incapacidade, o que acaba por transformar a imagem do deficiente em uma pessoa que não detém capacidade de conviver com os padrões de “normalidade” e necessita de atenção dos indivíduos tidos como normais para a superação dos obstáculos e barreiras impostas por aqueles que não apresentam nenhuma alteração física ou mental.

Esta concepção acaba ainda criando um estereótipo negativo, em que as pessoas passam a tachar deficientes como pessoas incapacitadas razão pela qual se fecham diversas portas para aqueles que desejam ingressar no mercado de trabalho e produzir sua própria renda proveniente de uma ocupação.

Com o deficiente não seria diferente. O estereótipo do deficiente difundido na sociedade varia predominantemente entre dois aspectos: ou é tratado como um super-herói, por vencer as dificuldades que a sua deficiência somada ao ambiente externo lhe provocam, ou então é tratado como um coitado, digno de pena que merece um amparo superior ao que na verdade é o necessário. Tal concepção foi abordada quando estudado o assunto envolvendo deficientes e as paraolimpíadas, no trabalho realizado por Paulo Siqueira:

Em geral, nas notícias ainda se insiste em qualificar os deficientes como super-heróis que tiveram que fazer um grande esforço para sobrepujar sua deficiência e subir ao pódio, o que reforça a visão médica de perceber o deficiente, ou o atleta que possui uma deficiência. Essa maneira de noticiar banaliza, então, os resultados atingidos pelos paratletas, enquadrando-os de forma estereotipada (BRITTAIN apud FIGUEIREDO, NOVAES, 2010, p. 02).

Desta forma, é necessário se analisar a forma pela qual o deficiente é representado na mídia e de que forma tal representação gera reflexos em suas atividades rotineiras.

3. A construção das representações sociais na mídia

As representações sociais podem ser entendidas como um produto oriundo da interação e comunicação, entre um sujeito e um objeto. O sujeito se torna qualquer pessoa que esteja diante da interação - é o espectador dentro de um convívio social, e o objeto é aquele representado pela sociedade. Desta forma, um segmento social, formado por um grupo de pessoas que possuem características em comum, é abarcado por uma espécie de tipificação, recebendo uma determinada condição, ou um estigma a ser carregado. A representação social então pode ser entendida como a atribuição de uma determinada ideia a uma imagem, ou nas palavras de Moscovici:

Um sistema de valores, ideias, e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social (MOSCOVICI, 2003, p. 21)

As representações sociais surgem para orientar as pessoas a seguirem um determinado sistema, integrando aspectos do cotidiano pessoal ao social. Passa-se a classificar certos sujeitos e objetos conforme sua representação perante determinado segmento social, ou então a sociedade como um todo.

As representações sociais possuem basicamente duas funções para intervir no processo cognitivo. Em um primeiro momento, as representações convencionalizam os objetos que representam, conferindo um caráter definitivo e categorizando como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas. Tais concepções são utilizadas para a resolução de problemas gerais quando estes precisam de interpretação, de forma que cada experiência é agregada a uma realidade predeterminada por convenções (ibid, p 34).

Em um segundo momento, as representações sociais são prescritivas, impondo-se sobre os indivíduos como uma força irresistível, baseada por uma tradição que decreta o que deve ser pensado. Uma criança nascida em qualquer sociedade é bombardeada por gestos, sinais e conceitos que irão moldar sua personalidade, afetando diretamente como ela encara o outro. (ibid, p. 36).

As representações sociais formam as concepções de determinados grupos de indivíduos diante de um conceito moldado e mantido pela sociedade. Um dos objetivos das representações sociais é aproximar de uma cultura desconhecida para o interior de um padrão aceitável pela sociedade, evitando assim divergências e conflitos, tornando comum algo que anteriormente poderia ser chamado de incomum. Neste sentido, Araújo (2014) afirma que:

O intuito das representações sociais é trazer as culturas desconhecidas para dentro de um padrão comum e aceitável em determinada sociedade. Configurando comportamentos dentro do habitual, é possível evitar divergências e conflitos. A representação se torna comum quando torna familiar e aceitável uma realidade incomum. Essas opiniões são construídas a partir da divulgação de concepções pré-estabelecidas sobre indivíduos ou características que não pertencem a nossa cultura. E através de símbolos que a representação é construída, na tentativa de usar uma máscara para se aproximar da cultura que até então é desconhecida e trazê-la para mais perto da realidade. (id, p. 15)

As representações sociais são os reflexos da construção da imagem de um determinado sujeito ou objeto perante um segmento social propagando-se de diversas formas, geralmente se baseando no costume e sendo mantida e apresentada à sociedade por um meio de comunicação, a mídia.

A mídia além de grande formadora de opinião apresenta um papel de suma importância na manutenção e na renovação das representações sociais, colaborando diretamente no processo de concepção dos indivíduos, e conseqüentemente na forma que estes irão moldar as representações sociais daqueles que a mídia apresenta. No caso dos deficientes, essas representações têm um papel fundamental na forma pela qual estes irão ser recepcionados pela sociedade de maneira geral. As representações sociais possuem uma conexão com o estigma (Goffman, 1988), pois contribuem para a formação e construção do mesmo.

Ao analisar a forma pela qual o deficiente é retratado pelos meios de comunicação ou matérias que têm deficientes como protagonistas, em um primeiro

momento, percebe-se que a maioria das matérias analisadas⁴ traz as diferenças dos deficientes como um problema, seja pela falta de estrutura que este necessita para se adequar em sociedade, seja pelos esforços grandiosos que estas pessoas realizam para adequar sua deficiência aos padrões utilizados pelas pessoas sem deficiência.

As representações são transmitidas pelos meios de comunicação e absorvidas pelo público da mesma maneira, mas há diferenças na interpretação de cada indivíduo. Importante frisar que, apesar de certas matérias distanciarem a realidade das pessoas com deficiência, outras trazem elementos que contribuem para a desconstrução do estigma.

No momento em que as diferenças são expostas e colocadas como um problema, a matéria causa um duplo efeito, expondo a mudança estrutural necessária para integrar pessoas com deficiência, mas também mostra como as pessoas com deficiência são diferentes, muitas vezes não mostrando as necessidades de cada deficiência.

Partindo deste ponto, acredita-se que a representação do deficiente pela mídia ocasiona um fortalecimento da representação social deste grupo, desconsiderando as particularidades de cada um e impondo aos indivíduos um conceito que muitas vezes não é a verdadeira representação de sua necessidade. Desta forma, aqueles que porventura apresentam mínimas necessidades para integração acabam recebendo o mesmo tratamento que pessoas mais dependentes, porém apenas da forma negativa, visto que não necessitam tanto dos cuidados e acabam sofrendo preconceito por parecer mais carentes do que realmente são, ou de forma exacerbadamente positiva, ao colocar os feitos realizados por pessoas com deficiência como algo inatingível, digno de super heróis. A representação, desta forma, acaba por se traduzir em um meio termo entre o real e a imagem dele derivada (PENIN E ROBERT, 2014, p.123).

4. Pesquisa de campo: análise do deficiente na mídia

A forma pela qual a pessoa com deficiência é retratada pelos jornais e demais meios de comunicação participa da construção do estereótipo em torno dele, e conseqüentemente, poderá influenciar o modo pelo qual a sociedade irá tratá-la. Os veículos de massa, responsáveis por levar a informação ao maior número de pessoas, se encarregam de transmitir as informações que vão formar o senso comum da população brasileira em geral. Desta forma, há a ocorrência de um fenômeno de transmissão e recepção, envolvendo um

⁴A análise do projeto está disposta na página 20 do presente trabalho.

canal midiático e uma parcela significativa da população, que ao receber determinadas informações as agrega ao seu repertório de conhecimentos moldando os estereótipos e estigmas que mantinha em seu subconsciente.

No intuito de entender como isso se dá em um veículo de comunicação local, foi realizada uma pesquisa com base nas matérias jornalísticas apresentadas pelo site do jornal Gazeta do Povo, veículo de grande circulação⁵, no período compreendido entre janeiro de 2014 e janeiro de 2015. Tal janela de detecção foi escolhida para analisar a forma que o deficiente é retratado por meio dos adjetivos empregados no texto jornalístico.

A busca se deu pelo uso de palavras-chave, que consistiam em “deficiência”, “deficiente”, “cadeirante” e “deficiente físico”, e a partir daí, analisou-se todas as matérias que de alguma forma retratavam estas pessoas, seja na sua rotina diária, nas dificuldades e nos preconceitos enfrentados. Após a utilização da ferramenta de busca obteve-se um número de matérias jornalísticas que possuíam alguma relevância com o tema. Frise-se que apesar de útil, a ferramenta de busca disponibilizada pelo site da Gazeta do Povo tem suas limitações, o que acaba por ocasionar uma imprecisão no tocante a coleta de material, o que implica em restrições do trabalho.

Assim, chegou-se a um resultado de 35 reportagens no total, sendo divididas entre: 12 notas, 17 matérias, 3 matérias em blog, 3 artigos em blog e 2 matérias de agências de outro Estado. Não foram selecionados artigos e matérias em blog, uma vez que estes se apresentam somente no formato digital, o que apesar de ter maior abrangência acaba por também limitar a parcela de leitores atingidos. Apesar de ter se priorizado as matérias veiculadas no formato digital, estas só foram escolhidas por ter seu conteúdo difundido também de forma física, o que apresenta uma paridade entre o disposto em ambos os formatos, não obstante, ainda há um número expressivo de leitores que somente se utilizam da forma física. O seguinte passo foi retirar do texto todos os adjetivos encontrados que se referem à pessoa com deficiência, e, registrados em uma tabela, analisar o uso dos mesmos.

Após analisar dezessete matérias publicadas pelo site do jornal Gazeta do Povo acerca de pessoas com deficiência, foi constatado dentre as matérias que quatro fazem referência com adjetivos negativos e acabam por vitimizar as mesmas. Os adjetivos utilizados de forma negativa foram “vítima”, “cabisbaixo” e “limitado” e “coitadinhos”.

⁵ Em de 2013 o site do jornal obteve 3,4 milhões de acessos mensais. Informações recebidas do setor de relacionamento com o cliente do jornal Gazeta do Povo. Disponível em <<http://www.gazetadopovo.com.br/fale-conosco/#>>

“Vítima” foi utilizado duas vezes, a primeira para se referir ao garoto Tomé, diagnosticado com artrogrípese assim que nasceu. Seu dia visitando a Seleção Brasileira de Futebol foi contado na matéria “Garoto com doença rara visita seleção e faz Neymar chorar”. A segunda foi na matéria “Anac ameaça multar responsáveis por embarque inadequado de cadeirante”, referindo-se à Katya Hemelrijk, executiva de 38 anos que teve que se arrastar pelos degraus para chegar à aeronave, pois a mesma possui osteogênese imperfeita mais conhecida como “síndrome dos ossos de cristal”.

“Cabisbaixo” foi o termo usado na matéria “Garoto especial biografia Luan Santana” ao se referir ao Pablo, menino que tem paralisia cerebral e fez uma biografia do cantor Luan Santana. Por último, “limitado”, teve seu uso referente às pernas do aposentado e torcedor do Coritiba Jairton, na matéria “Deficiência não impede torcedor de seguir o Coritiba”.

“A mais genuína felicidade. “Esse foi o quarto jogo que vi no estádio ano. Sou pé- quente. Ainda não assisti ao Coxa perder”, comemora Jairton, que ficou com o movimento das pernas limitado ainda na adolescência, segundo ele, resultado de um erro médico” (Gazeta do Povo, dia 06/10/2014).

A matéria “O abrigo que virou asilo de cegos” refere-se ao IPC e utiliza adjetivos como “vago” e “descoberto” para se referir ao olhar das pessoas com deficiência visual, utiliza também o adjetivo “coitadinho” para desconstruir a imagem que a sociedade possui de pessoas com este tipo de deficiência.

Outras três peças usam adjetivos para enaltecer a pessoa com deficiência. A reportagem “Inclusão e educação especial: aproximando um olhar distante” aborda a inclusão dos cadeirantes no convívio social através do Plano Nacional de Educação e usa a palavra “capaz” evidenciar que através desse projeto todas as pessoas com deficiência possam desempenhar funções úteis para a sociedade e ir atrás de seus objetivos. A matéria “Uma foliã acima das limitações” usa quatro adjetivos “alegria”, “contagante”, “sorridente” e “alto astral” para contar a experiência da Lucimara ao participar do Carnaval de Antonina na escola de Filhos da Capela. E última matéria utiliza “genuína” para classificar o nível de felicidade do Jairton em “Deficiência não impede torcedor de seguir o Coritiba”, ele sempre que pode vai assistir aos jogos em cima de uma maca.

As demais matérias se referem à pessoa com deficiência sem uso de adjetivos, no total são nove das dezessete publicadas online que não necessitam de adjetivos para qualificar ou desqualificar os deficientes. As matérias abordam temas diversos, como a adaptação de provadores, feiras de empregos e a contratação de um técnico com atrofia

muscular na espinha pelo time de futebol Manchester United. Isso mostra que a distância entre as pessoas com deficiência e as pessoas sem deficiência está diminuindo, são tratadas como um só, sem distinção, sem preconceito.

Abaixo tabela com os títulos das matérias, os adjetivos usados em cada uma e a quantidade de vezes que cada adjetivo apareceu.

TÍTULO	ADJETIVO	QUANTIDADE
Inclusão e educação especial: aproximando um olhar distante.	Capaz	1
Cegos e cadeirantes: o esporte integra a todos		
Uma foliã acima das limitações	Alegria	2
	Contagante	1
	Sorridente	1
	Alto astral	1
Garoto com doença rara visita seleção e faz Neymar chorar	Vítima	1
Lojas terão que adaptar provedores de roupa para pessoas com deficiência		
Manchester United contrata técnico cadeirante		
Alunos com deficiência visual vivem experiência sensorial em fábrica de perfumes		
Garoto especial biografã Luan Santana	Cabisbaixo	1
Deficiência não impede torcedor de seguir o Coritiba	Genuína	1
	Limitado	1
Cadeirante se arrasta para embarcar em voo em Foz do Iguaçu		
Cegos angolanos pedem para ficar		
Projeto estimula deficientes visuais a criarem peças de design		
UFPR abre primeira turma de língua de sinais		
Para curtir o mar e a areia sobre rodinhas adaptadas	Gentil	1
Anac ameaça multar responsáveis por embarque inadequado de cadeirante	Vítima	
Corpo de Bombeiros retoma buscas por cadeirante desaparecido		

O abrigo que virou asilo de cegos	Vago	1
	Descoberto	1
	Coitadinhos	1

5. Considerações finais

A partir da exposição teórica e análises feitas neste trabalho, é possível compreender mais o universo da pessoa com deficiência, entender que somos todos iguais, alguns com mais dificuldades do que outros e que a deficiência existe desde os primórdios e por não ser entendida, era tratada como algo para se envergonhar. Mas com a evolução médica e científica, descobriu-se que a deficiência é algo que existe nos meios animal e vegetal, abrangendo o tema e desmistificando as pessoas com deficiência.

O estigma carregado pela pessoa com deficiência é forte, sempre há a visão que o deficiente é incapaz, mas o aumento da imagem dos mesmos na mídia e o avanço da tecnologia foram cruciais para que houvesse uma melhora dessa visão errônea da sociedade com o deficiente.

Pela mídia desempenhar esse papel de melhoria da imagem da pessoa com deficiência, foram analisadas matérias online da Gazeta do Povo, e a partir da pesquisa realizada, percebemos que a visão da sociedade está mudando em relação à pessoa com deficiência. Ainda há o preconceito, a discriminação e a ignorância por parte de alguns, mas há também quem veja o deficiente como uma pessoa normal, que possui o mesmo direito de qualquer outra pessoa e que não deve carregar estigma ou rótulo algum. Por outro lado, pode haver também uma super valorização do deficiente.

Passa-se, assim, a classificar certos sujeitos e objetos conforme sua representação perante determinado segmento social, ou então a sociedade como um todo.

Na pesquisa realizada, viu-se que não há o “coitadismo” descrito pelos autores, nem a pessoa com deficiência colocada como “herói” por realizar feitos iguais aos de pessoas sem deficiência. Mesmo levando em consideração que Brittain fala sobre pessoas com deficiência e a relação com o esporte, na prática é diferente, há pouca menção acerca do cadeirante como herói. Os jornalistas autores das matérias analisadas se referem às pessoas com deficiência sem adjetivos relacionados ao heroísmo, mas com adjetivos de personalidade ou do estado de espírito.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Anne Louyse Maciel de. **Do Acre para São Paulo: uma perspectiva sobre imigração haitiana no Brasil.** 2014. Trabalho de Conclusão de Curso – UniBrasil, 2014.

BRONOSKY, Marcelo Engel. **Manuais de Redação e Jornalistas: Estratégias de Aprimoração.** Ponta Grossa: UEPG, 2010.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada.** São Paulo: LTC, 1988.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: Investigação em Psicologia Social.** Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

SIQUEIRA, Paulo Cezar de. **O jogo antes do jogo. Livro reportagem sobre as experiências de vida de seis paratletas de Curitiba e região metropolitana.** 2013. Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo – UniBrasil Centro Universitário, Curitiba, 2013.

PENIN, Sonia Teresinha; ROBERTI, Sheila. Representações Sociais e Representações do Sujeito: Dialogando com Moscovici e Lefebvre. In: **Representações Sociais: fronteiras, interfaces e contextos.** Organizado por ENS, Romilda Teodora; BÔAS, Lúcia Pintor Santiso Villas; BEHRENS, Marilda Aparecida. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2013.